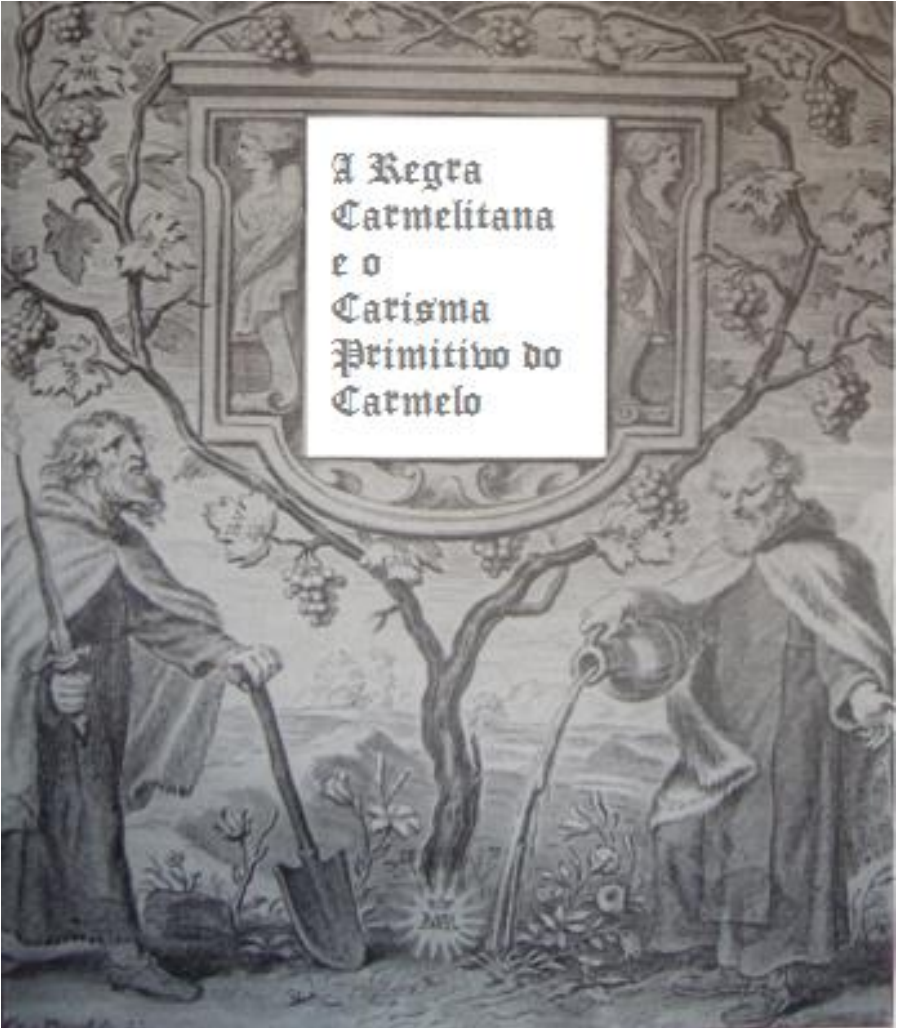


J.M. † J.E.

Duxta Fontem



A Regra
Carmelitana
e o
Carisma
Primitivo do
Carmelo

II Edição - MMXVI
Fr. Tiago de S. José ECarm.

I PARTE

A REGRA DE ELIAS

1- *Qual a necessidade de uma Regra?*

Antes de iniciarmos o comentário da nossa Regra, devemos nos perguntar: *para que seguir uma Regra se já temos tudo o que precisamos nas Sagradas Escrituras?* De fato, a Regra não é escrita para substituir a Palavra de Deus, mas para fazer com que *ela seja vivida plenamente*. Quando alguém deseja viver intensamente o seu Batismo, procura se submeter a uma Regra para aplicar na sua vida uma intensa disciplina que o configure sempre melhor ao que Deus lhe pede. *Busque a Deus!* Eis a regra primeira que está gravada na alma de cada ser humano. Iluminados pelos dogmas da fé, saímos nesta busca incessante que deve nos levar à união com Deus. Para se unir a Ele é preciso se tornar *perfeito como Ele é perfeito* (Mt. 5, 48). Este é o objetivo da vida monástica. Para iniciar este gênero de vida, não é preciso ser perfeito, mas *desejar* atingir esta perfeição. Pois, assim disse o Senhor: **“Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!”** (Mt. 19, 21) Primeiro disse: *vai!* E, depois: *vem!* Neste *vai*, estão contidos todos os esforços para deixar as riquezas, os prazeres da carne e a soberba. É a purificação do *homem velho*. É o esvaziamento de si mesmo descrito na carta aos Filipenses (2,7-8). Por outro lado, neste *vem*, identificamos o processo de crescimento espiritual na caminhada de perseverança da alma rumo à *transformação unitiva* que S. João da Cruz identifica como o topo do Monte Carmelo. Aqui está o fundamento de todas as regras! “Meu amado me disse: *levanta-te* minha amada e *vem!*” (Ct. 2,10)

Semelhante modelo nos oferece Nosso Pai Santo Elias que recebeu de Deus esta Regra: *Sai e permanece*. Em duas ocasiões, Deus lhe deu esta ordem:

1- **“Sai** daqui e retira-te para as bandas do oriente, **esconde-te** na torrente de Carit. Fique aí e bebas da torrente. (I Reis 17, 3.4)

2- **“Sai e permanece** em cima do monte na presença do Senhor.” (I Reis 19, 11)

Na primeira ocasião, *saindo*, ele fez o processo de purificação e de afastamento de tudo que impede a plena união com Deus, e, depois, ele *permaneceu junto à fonte* (Deus) e *bebia da torrente*, ou seja, se inebriava do amor de Deus. Da mesma forma, num segundo momento, teve esta outra experiência mística cumprindo esta Regra: *sai e permanece*. Após percorrer a longa subida de 40 dias e 40 noites (tempo de purificação) *saiu* (da caverna escura do entendimento) e, *permanecendo* (na presença de Deus), viu Deus passar, ou seja, teve a notícia espiritual da *essência divina*. Assim, temos o exemplo de Elias que, buscando a Deus e perseverando, atingiu a perfeição do amor (significada por sua *subida no carro de fogo*).

2- *Quais foram as “Regras” que os carmelitas seguiram?*

São Cyrilo (de Constantinopla) afirmava que “os santos irmãos já habitavam no Monte Carmelo junto à fonte de Elias, antes da natividade de Cristo. Eles não tinham uma Regra escrita, mas sua regra e norma de vida era viver conforme o exemplo de Elias.” (*De laudibus Carmelitarum* c. 4) Esta foi a primeira Regra. A segunda, (O Livro da Instituição dos Primeiros Monges) escrita em grego pelo Patriarca de Jerusalém, João XLIV é um comentário espiritual da vida de Elias e da história dos primeiros carmelitas. Este texto continua sendo fundamental para a nossa formação. Entretanto, como neste livro não existe uma norma e sim um comentário espiritual, foi necessário que os Eremitas do Carmelo pedissem ao seu Bispo, em torno de 1207, que lhes desse uma Regra propriamente dita. A partir desta Regra situamos o início do Carmelo como uma comunidade religiosa canonicamente reconhecida pela Igreja. A partir de 1230, devido às perseguições dos muçulmanos na Terra Santa, os carmelitas iniciaram um processo de migração para a Europa. Ali chegando, percebiam que se desenvolvia muito o estilo de vida *mendicante* dos frades franciscanos e dominicanos. Sob esta influência, começou a haver uma mudança de carisma: de *eremitas* para *mendicantes*, ou seja, frades de vida apostólica. Por causa disso, pediram ao Papa Inocêncio IV que adaptasse a Regra e concedesse algumas mitigações. Isso aconteceu com a bula *Quæ honorem Conditoris* em 1247. Entretanto, continuaram subsistindo os dois estilos de vida numa mesma Ordem religiosa. Isso trazia muita polêmica e grande tensão interna, como nos mostra o livro *Ignea Sagitta* escrito em 1270. (Este livro é de particular importância para nós). Enfim, em 1317, a Bula *Sacer Ordo* concluiu esta evolução, definindo o Carmelo como Ordem *mendicante* e extinguindo o carisma original *eremítico*. À medida que a Ordem ia crescendo, já não se seguia nem mesmo a Regra de Inocêncio IV e, por isso, pediram ao Papa Eugênio IV autorização para outras mitigações, o que foi concedido em 1432. Nesta ocasião, já se permitia comer carne em alguns dias da semana, o jejum podia ser simplesmente dispensado e não se exigia mais a permanência na cela. Houve, então, algumas reformas (como a de Mântua) no sentido da observância mais estrita. Este ideal reformador também moveu Santa Teresa de Jesus na segunda metade do século XVI. Desanimada pelo relaxamento de seu mosteiro, tomando consciência de que “a Regra não era observada no seu primitivo rigor, devido a essas bulas de mitigação,” (Vida 32,9) ela se propõe a reformar a Ordem. (Fund. 2,1) Ela tinha uma verdadeira devoção pela Regra: “procurava corresponder aos deveres da minha vocação religiosa, observando minha Regra com a máxima perfeição possível.” (Vida 32,9) Sua fundação tinha o objetivo de observar a “Regra primitiva, antes da mitigação” (Vida 35,2) Porém, a Regra que ela chamava de “primitiva” e que sua Reforma seguiu, era aquela de Inocêncio IV, ou seja, aquela que foi adaptada pelo Papa após a migração para a Europa. Para Teresa, saindo do confuso Mosteiro da Encarnação, o que era mais urgente era garantir a *solidão da comunidade*, expressa na *estrita Clausura*. Dentro,

porém, dos *pequenos pombais da Virgem*, como ela dizia, se valorizou o aspecto mais *cenobítico* da Regra de 1247 e se desenvolveu abundantemente a vida *comunitária*. Apesar disso, não deixou de exortar as monjas para que fossem *eremitas*, e que buscassem a solidão (Vida 36), afirmando a inspiração eremítica da Regra original. E pedia também: “que o Senhor nos conceda a graça de que guardemos a Regra Primitiva da Ordem de Nossa Senhora, na qual não se deve permitir sequer um mínimo relaxamento”. (Fund. 27,11) Foi, entretanto, no ramo masculino da Reforma Descalça, que se desenvolveu mais amplamente a “observância primitiva e eremítica”. Apesar de serem frades de vida apostólica, os discípulos de São João da Cruz, Frei Tomás de Jesus, Frei Alonso de Jesus Maria e outros tiveram a inspiração de fundar os Santos Desertos Carmelitanos. Neles, vivia-se mais intensamente o ideal primitivo da nossa Regra, tanto pelo afastamento das cidades, como pela observância mais estrita da solidão nas celas separadas. O inconveniente era, contudo, o fato de que os frades não podiam permanecer por muito tempo e, depois de um tempo (no máximo três anos), voltavam para os conventos nas cidades. A última grande iniciativa de se recuperar o espírito primitivo aconteceu com a Reforma de Touraine que procurou abraçar o espírito de austeridade dos Descalços, sem perder as raízes da espiritualidade da Ordem.

A herança de Elias

No conturbado século XIX, o Carmelita Descalço Frei Francisco de Jesus Maria José, muito identificado com o ideal dos Santos Desertos e obrigado a viver solitário, refugiando-se em grutas e vales, teve uma experiência mística que o levou a idealizar o nosso Carmelo Eremítico. Em 12 de Maio de 1865, apesar do intenso vento, ele permanecia só, em cima de um monte diante do mar. Ele narra sua experiência: “Uma nuvem cobre o cimo do monte e é tanta a sua glória que converte a luz do sol em trevas. Vejo no meio dela uma Mulher sentada sobre um trono de igual glória. Ela me chama. Tomo a estola, subo, chego ali: Rainha imortal! Estou preparado para a execução de tuas ordens e mandatos. Tu me conheces e sabes de que sou capaz por teu amor. Não temo nem a vida, nem a morte, nem o cárcere, nem o desterro, nem a fome, nem a sede e nada no mundo me desviará dos meus caminhos. – Sim, eu sei. – Ela respondeu. – Vou fixar a tua missão sobre três artigos: 1º a revelação das minhas glórias ao mundo; 2º a **restauração da Ordem do grande profeta Elias**; 3º continuar a missão deste Profeta na terra. Sob o escudo do Monte Santo do Carmelo, dirige nos desertos os que são escolhidos para serem *filhos* deste grande Profeta, preparando-os para receber a dupla porção do seu espírito.” Nesta revelação, preparada por tão forte *Teofania*, nascia este novo-antigo *Carmelo*. Ele era como um bom Pai de família que tira do seu *tesouro coisas novas e velhas*. Como um novo *Elias*, em meio às perseguições da *Jesabel revolucionária* que devastava a Europa no século XIX.

No Espírito de Elias

Maria enquanto *figura perfeita da Igreja* lhe dava esta missão. Ela poderia ter dito: *a minha Ordem*, pois, *o Carmelo é de Maria*. Mas disse: **a Ordem do grande Profeta Elias**, para deixar claro que, para se restaurar esse carisma, seria necessário ter este vínculo, esta verdadeira *filiação espiritual* com o Profeta. Frei Francisco deveria reunir estes “filhos” nos desertos, *preparando-os para receber a dupla porção do seu espírito*. Esta dupla porção do seu espírito representa o seu zelo e sua intimidade com Deus. Seu zelo pela glória de Deus é marcado pelo seu lema: *Zelo zelatus sum pro Domino!* (I Reis 19,10) Nisto devemos imitá-lo na defesa da fé e no combate espiritual em favor da Santa Igreja Católica. E a outra parte do seu espírito é sua vida contemplativa que se resume nestas palavras: *Vivit Dominus in cujus conspectu sto.* (I Reis 17,1) Vive o Senhor em cuja presença estou! Portanto, Elias é, ao mesmo tempo, *Fogo e Água – luta e contemplação*. Ter o seu duplo espírito significa ter o **Fogo**, pelo zelo e a **Água** pela mística do Amor. Interessante que ele fez vir do céu, ambas as coisas. Também devemos perceber a afirmação: *tu os dirigirás nos desertos*. Esta frase profética se cumpre ainda hoje quando, mesmo depois de mais de cem anos de sua morte, Pe. Palau, com seus escritos, nos forma e nos guia *nos desertos* dando-nos capacidade de entender o carisma de Elias que ele mesmo viveu intensamente.

A Fonte da Vida

Elias ainda é conhecido pelos habitantes da região do norte da Palestina como *El Kader*, que quer dizer, *o sempre vivo* ou *o verdejante*. É interessante notar que, ao ressuscitar o Filho da Viúva, Elias estendeu-se três vezes sobre o corpo do menino. (I Reis 17, 20) Com isso, indicava que o seu corpo era *canal da Vida* de Deus que passava por ele. Seu arrebatamento ao céu, sem passar pela morte indica igualmente que: *aquele se torna próximo de Deus recebe o fluxo de Vida que há em Deus e esta vida o absorve completamente*. Este é o tema principal do Evangelho de S. João. (cf. Jo 11,26) Devemos entender isso como a *chave* para a compreensão da Regra Carmelitana: Deixamos o mundo (lugar do pecado e da morte) para viver *junto à fonte*, ou seja, na presença de Deus (fonte de Vida e Amor). O Amor é Deus e o pecado é todo movimento contra-Deus. O efeito de Deus é a Vida e o efeito do pecado é a morte. Elias é o amigo de Deus que participa da sua santidade e de sua Vida. Ele deixou para nós este *Carisma da Vida*. Devemos pedir o seu duplo espírito. Como dizia o venerável Frei Tomás de Jesus: “o principal e original fim de nossa Ordem é renunciar a tudo para viver a contemplação, como nosso fundador Santo Elias.” Frei João de Jesus Maria dizia que, “como discípulos de Elias, devemos pedir ao Senhor que nos conceda um espírito excelente e vigoroso como o dele.” Elias e Eliseu são testemunhas do **Deus Vivo!** Suas obras transmitiam esta expressão de **vida e fecundidade**. Por isso, dizemos que o Carmelo é *o Paraíso da Vida!*

II PARTE

A REGRA DE SANTO ALBERTO

1- *Albertus Dei Gratia vocatus Patriarcha*

Nossa Regra inicia com o próprio nome do Patriarca (Bispo) de Jerusalém: Alberto. Assim aconteceu, porque a Regra foi escrita na forma de uma carta dirigida aos carmelitas que haviam pedido uma orientação para melhor disciplinar seu estilo de vida. Devia ser bem conhecida por eles a fama de santidade e erudição deste Prelado. Filho da alta nobreza italiana, ele ingressou muito cedo entre os Cônegos Regulares de Santo Agostinho. Escolhido para o Episcopado com pouco mais de trinta anos, foi, depois de algum tempo, transferido para a Terra Santa. Ao contrário do que acontece em outras Ordens, os Carmelitas não escreveram sua própria Regra, mas pediram à autoridade da Igreja que lhes desse uma Regra. Providencialmente, encontraram neste excelente Bispo, com profundo conhecimento da vida religiosa, um verdadeiro legislador que lhes entregou com todo carinho este maravilhoso texto tão inspirado pelo Espírito Santo.

2- *Hierosolymitanæ Ecclesiæ (A Igreja de Jerusalém)*

A proximidade de Jerusalém influenciou muito sobre a formação do Carisma Carmelitano. Se não fossem as Cruzadas, hoje não teríamos o Carmelo. O Rito do Santo Sepulcro (derivado do Rito de Paris) surgiu com a instalação do Reino Latino na Terra Santa, em 1099. Toda a sua estrutura está baseada na Cruz. Não obstante, há uma *atmosfera de Ressurreição* em todo o Rito. As poucas, diferenças do Rito de Jerusalém em relação ao Rito Romano são significativas e marcam seu caráter místico inconfundível (que se percebe nas rubricas que trazem uma constante escatológica como, por exemplo, na insistência de repetir as palavras: *Vitam æternam*). Depois da migração para a Europa e, mesmo após o Concílio de Trento, o Rito permaneceu, com poucas variações. Quando, porém, foi Superior dos Descalços, o Pe. Nicolau Dória, numa articulação política para consolidar sua independência em relação ao Geral da Ordem, pediu ao Papa que eles pudessem renunciar ao Rito Próprio e aderir ao Rito Romano. Isto lhes foi concedido em 20 de setembro de 1586, pelo *Breve* do Papa Sisto V. Portanto, cinco anos após a morte de Santa Teresa, o Carmelo Descalço deixou de celebrar o Rito Carmelitano. A Ordem da “Antiga Observância” ainda o manteve até o Capítulo Geral de 1971, quando, segundo se escreveu em atas: “a conservação deste Rito obsoleto foi considerada insustentável.” Nós, porém, consideramos impossível restaurar o Carmelo Primitivo se não mantivermos a riqueza desta mesma liturgia da “Igreja de Jerusalém”.

Além deste aspecto litúrgico, entendemos que o fato de o Carmelo ter surgido na Terra Santa, lhe acrescentou muita riqueza e exuberância para sua espiritualidade. Em virtude desta localização, a Tradição Carmelitana sempre considerou a história da Ordem em três períodos, com três culturas diferentes. De fato, Pôncio Pilatos escreveu no letreiro que foi colocado em cima da Cruz, nestas três línguas: Hebraico, Greco e Latim. (Jo 19,20) Esta sua atitude foi considerada, por muitos, como uma consagração destas três principais línguas e culturas marcadas pela história da revelação de Deus.

Da mesma forma, podemos identificar *três Carmelos*:

O Carmelo Hebraico (de Elias até Cristo): O Livro da Instituição fala de um seguimento ininterrupto de discípulos de Elias, desde o Antigo Testamento até o Novo. Além de Santo Elias e Santo Eliseu, são considerados carmelitas os santos profetas Jonas, Abdias, Miquéias e muitos outros *Filhos dos Profetas*, além do próprio São João Batista.

O Carmelo Grego (de Pentecostes até o século VIII): Muitos monges e eremitas que viveram nos desertos da Palestina são considerados carmelitas, por terem uma identificação com o carisma, ou mesmo por terem alguma ligação com a figura de Elias ou de Nossa Senhora. Dois destes monges se tornaram papas: São Telésforo e São Dionísio. Outros foram bispos: São Serapião, sétimo sucessor de São Pedro na Cátedra de Antioquia, Santo Espiridião, um dos Padres do Concílio de Nicéia, São Gerardo que também foi mártir e São Cirilo, Patriarca de Alexandria, tão importante no Concílio de Éfeso, de quem se conta que “viveu no Monte Carmelo, antes de ser bispo e ali viveu uma vida de céu.” Santo Hilarião, abade num Mosteiro muito antigo, próximo de Jerusalém, cuja vida foi escrita por S. Jerônimo. Santo Anastásio, que foi morto pelos Persas. E também as virgens: Santa Eufrásia e Santa Eufrosina. O livro da Instituição dos primeiros monges, escrito em grego, é um testemunho da espiritualidade deste período, bem antes da Regra Albertina.

O Carmelo Latino (do século XI em diante): O Carmelo, como instituto religioso da Igreja Romana, foi surgindo por iniciativa de Aymérico de Malafaida, Patriarca de Antioquia. Segundo os relatos da época, ele era um grande incentivador da vida religiosa e procurou ajudar muitos eremitas que estavam sem orientação na Terra Santa. Há relatos de um grupo de eremitas que vivia no Monte Carmelo em torno de 1155, ou seja, mais de cinquenta anos antes da Regra. Eles tinham como Prior, um sacerdote italiano, da Calábria. (*São Bertoldo*). Segundo alguns relatos, este era sobrinho de Aymérico. Estavam localizados num lugar no Monte Carmelo que era passagem de peregrinos para Jerusalém. Alguns que tinham sido cruzados e também outros peregrinos se juntavam a eles.

Dilectis in Christo filiis

Esta dedicatória de Santo Alberto faz deste documento mais do que uma simples Regra pragmática. Vemos aqui uma amorosa carta de um pai que se dirige a seus *amados filhos*. Neste ponto da Regra, podemos perceber a simplicidade destes antigos carmelitas que, como pequenos filhotinhos no ninho esperam o alimento dos pais. Santa Teresinha amaria contemplá-los vivendo com tamanha confiança esta *pequena via*. *Filhos amados* da Igreja que vivem *nEla e para Ela*, como dirá mais tarde, o Beato Palau. Elias foi enviado à viúva de Sarepta que é figura da Igreja. O Carmelo não tem sentido fora da comunhão da Igreja. Nisto vemos a submissão destes religiosos: sua Regra de vida não é escrita por um fundador, mas pelo Bispo a quem estão sujeitos. Este Bispo como representante de Deus, os chama de *amados* como o Pai disse de Jesus: *este é meu Filho amado* (Mt. 3,17). Sentir-se pequeno, dependente e amado diante de Deus, é atitude fundamental para viver a Regra. Devemos entender a Igreja, não como uma instituição, mas como uma família reunida pelo amor. Vemos como os Santos do Carmelo tiveram tanto amor à Santa Igreja, como Santa Teresa, que morreu, proclamando a alegria de ser *filha da Igreja*. Ou Santa Teresinha que encontrou o *seu lugar no coração da Igreja, sua Mãe*.

3- *Brocardo et cæteris Eremitis*

Em torno de 1207, o Prior, São Brocardo, visando organizar melhor a comunidade pediu que Santo Alberto lhes escrevesse uma *Fórmula de Vida*. A Regra é destinada a *eremitas*. Não é possível alguém viver a Regra Primitiva se não busca a vida *eremítica*. Gera, porém, muita confusão o fato de que o termo *eremita* é normalmente entendido como aquele que vive *totalmente sozinho*. *Como pode um eremita viver em comunidade???* Primeiro devemos saber o que significa ser *Monge*: “O monge deve seu nome, em primeiro lugar, ao fato de ser só (*monos*), pois se abstém de mulher e renuncia ao mundo, por dentro e por fora: por fora, renunciando à matéria e às coisas do mundo; por dentro, renunciando às suas próprias representações, impedindo os pensamentos das preocupações mundanas. Em segundo lugar, é chamado de monge, porque ora a Deus com uma oração ininterrupta, para purificar o espírito dos pensamentos numerosos e contrários, para que seu espírito se torne *monos*, em si mesmo, e *sozinho* diante do verdadeiro Deus, permanecendo puro e íntegro diante de Deus.” Este é o conceito da palavra *monge*, expresso num comentário muito antigo. Entretanto, geralmente quando falamos em monge, queremos dizer *cenobita*, ou seja, aquele que *vive junto com outros*. Já a palavra: *Anacoreta* significa aquele que está *fora da região*, representando o *monge isolado* ou *eremita* no sentido estrito. O termo *Eremita* significa, simplesmente habitante do *eremo* (deserto). Podemos, assim, diferenciar aquele que vive numa comunidade (*Eremita-monge*) ou como aquele que vive

totalmente isolado (*Eremita-anacoreta*). Na Terra Santa havia muitas comunidades de eremitas, ou seja, Mosteiros em que cada um tinha uma *laura* ou ermida separada, mas que tinham um vínculo de comunhão entre si. Geralmente, tinham uma capela comum, um refeitório comum e alguns elementos de *vida cenobítica* (comunitária). Como valorizavam mais a solidão que a vida comunitária, preferiam se chamar *eremitas* e não *monges*. Portanto, os nossos irmãos que receberam a Regra eram *eremitas*, não porque vivessem isolados (como anacoretas), mas como *eremitas-monges* segundo o costume da Palestina. Por isso, é possível também a expressão: *Monges-eremitas*, muito usada no *livro da Instituição*. É doutrina muito confirmada na Igreja, aquela de que a solidão é necessária para se alcançar a união com Deus. Assim expressa S. João da Cruz: “a alma deverá viver na solidão antes de entrar neste estado de união, porque a alma que deseja Deus não acha consolo em nenhuma companhia e tudo causa nela mais desejo de solidão” (Cânt. Canção 35)

Podemos considerar estes *graus de solidão* conforme as diversas observâncias monásticas na Igreja:

1. Cenobita, nas cidades, sem clausura.
Neste estilo de vida, a comunidade permite aos leigos, livre acesso aos ambientes do mosteiro e os monges podem sair e ter acesso ao mundo.
2. Cenobita, nas cidades com clausura.
Neste caso, fica preservada a solidão da comunidade, permanecendo, porém, o inconveniente do barulho e o constante movimento de povo. Assim, por exemplo, nos *Carmelos* de Monjas Descalças.
3. Cenobitas-Eremitas, longe das cidades.
Como seria a instituição do Carmelo Primitivo.
4. Eremitas simplesmente, em eremitérios individuais, longe das cidades.
Este quinto grau se refere àqueles que vivem numa estrutura isolada do resto da comunidade. Não tendo mais nenhuma dimensão cenobítica, não seriam mais propriamente chamados *anacoretas*. Vemos que a Regra Primitiva não exclui essa possibilidade, mas a incentiva. Isso acontecia na prática, como lemos, por exemplo, na vida de Santo Ângelo.

Quanto maior o grau de solidão, maior será a possibilidade da pessoa se tornar um *contemplativo*, ou um *hesicasta (solitário)* como dizem os gregos, querendo designar uma pessoa que foi introduzida na *Hesichia*, ou seja, na *solidão externa e interna*, para estar totalmente na presença de Deus. Frei Tomás de Jesus, citando vários doutores afirma que “a vida totalmente eremítica é o cume da vida religiosa.” Entretanto, devemos entender que esta vida, orientada à vida celeste, se orienta sempre para a perfeição e a união com Deus. Todas as Regras monásticas são dirigidas a este fim. Isso, no entanto, não se atinge somente por esforço pessoal,

mas, também, pela graça divina. Assim lemos no *Livro da Instituição* que diz: “Esta vida de perfeição religiosa encerra dois fins: um, podemos alcançar com nossos esforços. Este fim consiste em oferecer a Deus o coração limpo de toda a atual mancha de pecado. Conseguimos este fim quando estamos em Carit, ou seja: quando nos achamos escondidos na *fonte da caridade*, como disse o Senhor a Elias: *Te esconderás na Torrente de Carit*. O outro fim da vida santa eremítica é dom totalmente gratuito de Deus e que Ele comunica à alma. Consiste em que, não só depois da morte, senão ainda nesta vida mortal, possa saborear no afeto do amor e no gozo da luz do entendimento, algo sobrenatural do poder da Presença de Deus e do deleite da Eterna Glória. Isto significa *beber da torrente da delícia Divina* (contemplação). Deus prometeu este fim a Elias ao dizer-lhe: *E aí beberás da Torrente*.” Para chegar a este estado, a alma deve deixar tudo, e desprezar a vida presente, a fim de não possuir, no coração, nada além de Deus... São João da Cruz explica que “na transformação que a alma tem nesta vida, a mesma aspiração de Deus passa para a alma e da alma para Deus, com muita freqüência e com sutilíssimo deleite de amor, como se estivesse na outra vida. Isto quis dizer São Paulo quando disse: ‘porquanto sois filhos de Deus, enviou Deus em vossos corações o espírito de seu Filho, clamando ao Pai’. Assim, os beatíficos na outra vida e os perfeitos nesta.” (Cânt. Canção 39) Descreveu também, Santa Teresa, de forma muito detalhada, o estado destas almas, no Caminho de Perfeição, capítulo VII: “Dir-se-ia que não vivem no mundo. Nada querem ouvir, nem ver, senão gozar em seu Deus. Nada os penaliza. Nada os pode atingir. Ficam tão inebriados e absortos que nem pensam em desejar outra coisa. De boa vontade diriam com São Pedro: Façamos aqui três tendas.” São João Clímaco explicava desta forma: “A primeira idade do crescimento monástico consiste em sossegar as paixões: é a tarefa dos principiantes. O segundo degrau no escalão de crescimento, que transforma um ser espiritual ainda adolescente em jovem, é a assiduidade à salmodia. Uma vez enfraquecidas e mitigadas as paixões, a salmodia se torna doce ao ser recitada, ganha preço diante de Deus, pois não é possível ‘cantar ao Senhor numa terra estranha’, isto é, num coração apegado às paixões. É nisso que se reconhecem os que progredem. O terceiro degrau no escalão de crescimento que faz o jovem passar à maturidade espiritual é a perseverança na oração: distintivo dos que progrediram. No ponto em que estamos, há entre a salmodia e a oração a mesma diferença que há entre um homem maduro e um jovem. Segue-se o quarto degrau no escalão de crescimento espiritual, o do ancião, com cabelos brancos: é o olhar fixo e imóvel da contemplação, o atributo dos perfeitos. O itinerário está terminado; o alto da escada foi atingido.”

Enfim, *vivendo mais no céu que na terra*, esta pessoa adquire o dom da *oração contínua*. Quando uma alma chega neste estágio, poderá dizer como no Cântico dos Cânticos: ‘Durmo, mas meu coração vela’. (Ct. 5,2) ou também: “não acordeis a esposa até que ela queira.” (Ct. 8,4)

A vida ativa e a vida contemplativa

O Beato Pe. Palau explica que “seja qual for o estado do homem, o primeiro passo que dá para sua perfeição é ordenar suas ações ao exercício das virtudes morais. A esta ordem de ações chamamos vida *cenobítica* ou monástica dos religiosos, e vida *doméstica* dos casados. Nossos exercícios comuns estão ordenados à aquisição das virtudes morais que são: a prudência, justiça, fortaleza, temperança, e de todas as que, como criaturas às suas senhoras, estão unidas a estas: o silêncio, a meditação, o trabalho, a pobreza, a penitência, a obediência, a castidade, a oração, a leitura espiritual, os atos de humildade, o desprezo do mundo, a freqüência dos Sacramentos; em uma palavra, todos os exercícios comuns que fazeis, todas as vossas ações, vosso modo de viver estão ordenados a aperfeiçoar-vos nas virtudes morais. A vida dos cenobíticos está ordenada a adquirir estas virtudes mediante os exercícios das virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Estas virtudes teologais, por sua vez, estão ordenadas a unir a alma com seu Deus na solidão por amor, e, estas virtudes convidam a alma à solidão. Assim, o espírito busca o retiro, o silêncio, os lugares desertos, foge das criaturas porque sabe que não pode falar a seu Deus senão fora delas e fazem desta união seu trabalho espiritual. Portanto, segundo o curso regular e ordinário da perfeição, a alma, logo que tenha adquirido as virtudes morais, em certo grau de perfeição nos exercícios de vida *cenobítica*, deve aspirar à vida *solitária e contemplativa*. Assim, ela começa a tomar algo da vida solitária segundo a força que tenha para levar os exercícios da solidão, depois voltando à ação e da ação à solidão; há de subir e baixar pela escada que viu Jacob (Gn 28, 12-13), assim a alma deve subir pelos exercícios de vida solitária e baixar aos de vida cenobítica. Depois de alcançado o estado de vida contemplativa, ou de perfeição, a alma estará definitivamente ordenada a negociar com Deus em pura solidão os interesses de sua Igreja.” De fato, os Padres do Deserto explicavam que a vida dos principiantes deve ser *cenobítica*. Esta vida é considerada *ativa*, pois, quem vive em comunidade está em constante ativismo (mesmo considerando as orações comunitárias). Sendo assim, o monge pode desenvolver a vida contemplativa – solitária, ou permanecer *cenobita*, conforme sua vocação. “Uma é a ação do hesicasta, outra a do cenobita. Quem for fiel à sua vocação será salvo...” (S. João Clímaco) Diziam também que “o cenobita tem freqüentemente o apoio de um irmão, já o solitário, tem o apoio de um anjo.” Outro Padre do deserto explicava que “o ativo bebe, na oração, a bebida da compunção. O contemplativo embriaga-se com o cálice excelente. Um, refletindo sobre a ordem da natureza, o outro, ignorando-se a si mesmo na oração.” E São Macário faz esta comparação: “Jacó exultará e Israel se alegrará (Sl 14,7). Isto é, o espírito ativo, que venceu as paixões, em busca de Deus, pelos esforços da vida ativa passa a ser um o espírito contemplativo que vê Deus na contemplação, tanto quanto possível...” “pois a solidão (*hésychia*) é despojamento dos pensamentos e renúncia às preocupações mais justas.” São João da Cruz explica do seguinte modo: “é sabido

que o estado dos principiantes é meditar e fazer atos discursivos... convém que tenham este fervor espiritual sensitivo para que, saboreando estas coisas, se desprendam das coisas sensuais e desfaleça o amor pelas coisas do mundo.” (Chama 3º cântico) Por outro lado, o Doutor Místico descreve a alma que é perfeita: “está esvaziada de tudo, solitária e alheia a todas as coisas, de cima e de baixo, e, tão interiormente escondida em seu próprio recolhimento, que ninguém pode vê-la; está vencido e afugentado o demônio; estão sujeitas as paixões e apetites naturais; a parte sensitiva está purificada e conformada com a parte espiritual.” (Cântico Espiritual – último verso)

Devemos, portanto, concluir que a vocação carmelitana eremítica no sentido da Regra Primitiva, tende à completa solidão com Deus. É preciso se exercitar na vida comunitária (cenobítica) para desenvolvermos as virtudes, especialmente o auto-domínio, a paciência, a capacidade de partilha e de perdão. Deste estágio, pela graça de Deus, estaremos aptos a subir até o topo deste Monte solitário.

4- *Juxta fontem in Montem Carmeli morantur*

Poderíamos nos perguntar o que significava morar no Monte Carmelo... Esta singela descrição mostra-nos as delícias deste Monte onde nasceu a nossa Ordem: “O Monte Carmelo oferece ao monge uma sentida solidão convidando-o ao silêncio e ao recolhimento; com suas covas lhe oferece espaço suficiente para refugiar-se; com seu bosque lhe comunica alegria; com seu alto cume oferece ar saudável; com suas ervas e seus frutos, alimentos para os monges; com seus mananciais, doce refrigério para mitigar a sede.” (Livro da Instituição). Apesar de não podermos viver neste mesmo lugar, podemos buscar estes três elementos importantes para estarmos em sintonia com aquilo que eles viviam: A *Fonte*, a *Montanha* e o *Jardim*. A **Fonte** nos comunica a *água pura*, que se identifica com o **Espírito de Deus**. A **Montanha** aparece sempre como um lugar privilegiado para estar com Deus. Habitar no Monte significa, antes de tudo, “buscar as coisas altas e celestes” (Col. 3). Nosso Senhor sempre buscava as montanhas para rezar e se transfigurou diante de seus discípulos num alto monte (Mt 17,1). Ali estavam Moisés e Elias, ambos viveram suas experiências com Deus em *montanhas*, especialmente o Horeb. O **Jardim** representa a harmonia da alma que se deixou trabalhar por Deus. A palavra *Carmelo* significa jardim, ou pomar. Analisemos esta passagem do livro do Gênesis: “Então plantou o Senhor Deus um *jardim*, da banda do oriente, no Éden; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda qualidade de árvores agradáveis à vista e boas para comida, bem como a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços.” (Gen 2, 8-10) Veja que Deus mesmo plantou esse jardim! Não foi como as outras obras de criação, em que Ele *falou e tudo foi criado*. Foi um trabalho de especial carinho, feito pelas *mãos*

de Deus. Este era o ambiente em que se poderia viver em plena comunhão e intimidade com Ele. E *pôs ali o homem*. Ou seja, o introduziu nesta comunhão desde o início. Este era o projeto inicial de Deus! Ali no *jardim*, o ser-humano encontraria sua plena felicidade e o seu pleno desenvolvimento espiritual. O pecado rompeu com essa harmonia e obrigou Deus a expulsar o homem do jardim. Não por mágoa, mas porque ele já não seria capaz de viver ali... “E, havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.” (Gen 3,24) Agora precisamos fazer um processo espiritual de retorno a esse jardim (Carmel) e restaurar nossa **integridade original**. A religião deve fornecer para o homem os meios para alcançar este fim. Temos uma forte tendência de separar o céu e a terra. Mas, no evangelho, Jesus fala do **Reino** como algo que pertence ao céu, mas que, também, pode acontecer já aqui. Assim a terra (não o *mundo*!) pode (e deve!) se tornar, pela redenção plena de Cristo, esse *jardim* onde se pode viver em harmonia com Deus e com toda criação. “Por isso, a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou), todavia, com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus.” (Rom 8,19-22) Vencendo o pecado e a morte, Nosso Senhor nos reintroduziu neste Paraíso (Lc 23,43) onde *Deus é tudo em todos*. (I Cor. 13,28) A Regra nos propõe a luta contra o pecado e nos aponta para o prêmio: Sermos introduzidos no jardim de Deus! Somos habitantes do Carmelo, este jardim plantado por Deus. “Eu vos introduzi na terra do Carmelo, para que comais dos seus melhores frutos”. (Jer. 2,31) Estes frutos são as delícias do amado: “teus rebentos são como um bosque de repleto de frutos” (Ct. 4,13) E que nossa alma se torne um jardim onde Deus possa se deleitar: “Entre meu amado no seu jardim e prove os frutos deliciosos” (Ct. 4,16)

5- *Multipharie multisque modis sancti Patres instituerunt*

Desde os primeiros tempos da Igreja, surgiram Regras Monásticas baseadas nas Escrituras e na experiência viva dos seus autores que ajudaram a organizar e desenvolver as diversas comunidades religiosas. Os antigos Padres do Deserto foram os Mestres espirituais que, sob a ação do Espírito Santo, foram desenvolvendo a mentalidade monástica na Igreja. A maioria dos doutores da era Patrística foram monges antes de se tornarem bispos. Muitos destes *Santos Padres* formularam muitas Regras que são vividas até hoje. As Regras contêm normas ascéticas, para se atingir o domínio do corpo e se libertar dos desejos. Contém ainda normas práticas que organizam o dia a dia do funcionamento da comunidade. Uma Regra muito antiga do Alto Egito tinha apenas cinco preceitos: a *oração*; o *canto* dos salmos; a *leitura* bíblica; o *trabalho* manual e a *meditação*.

6- *In obsequio Jesu Christi vivere (viver em obsequio de Jesus Cristo)*

Nossa Regra nos apresenta o ponto essencial: **viver a serviço de Cristo**. Somos resgatados pelo sangue precioso de Cristo. De condenados, nos tornamos livres; de escravos, nos tornamos Filhos; de mortais nos tornamos divinos. O mínimo que podemos fazer para retribuir é viver para Ele. “Os que vivem, já não vivam para si mesmos, mas para aquele que por nós morreu e ressuscitou.” (II Cor 5,15) “a testemunha fiel, primogênito dentre os mortos e soberano dos reis da terra. A ele que nos ama e que nos lavou de nossos pecados no seu sangue e que fez de nós um reino de sacerdotes para Deus e seu Pai, glória e poder pelos séculos dos séculos!” (Ap. 1, 5-6) Se reconhecemos tudo o que Ele fez por nós, devemos viver em seu *obséquio*, ou seja, totalmente a seu serviço.

7- *São João da Cruz e o Carmelo Primitivo*

Façamos menção a São João da Cruz. O Doutor místico foi um grande idealista da Regra Primitiva. De fato, muitas vezes ele foi incompreendido e desvalorizado. Seu desejo era viver o ideal contemplativo do Carmelo Primitivo, como demonstra o fato de ter tido a intenção de entrar para a Cartuxa. A Reforma de Teresiana teve muitas contradições neste sentido, especialmente no ramo masculino. Alguns queriam viver um ideal monástico-eremítico e outros um ideal missionário. Como a Reforma acontecia dentro da mesma estrutura da Ordem, não era possível renunciar ao estilo de vida apostólico dos frades e, por mais que se intensificasse a vida de oração, não se atingia este carisma que São João da Cruz buscava, pois a Ordem não podia alterar mais sua estrutura já estabelecida pelas Bulas dos Papas desde o século XIII. Talvez por isso, o que se pediu ao Padre Palau foi para **Restaurar** e não **Reformar**. Há uma grande diferença nestas palavras, pois a restauração é algo que começa tudo de novo, partindo do que era original. Assim, procuramos trazer *de volta* aquilo que já não existe mais desde o século XIII: o *primitivo carisma eremítico do Carmelo*. São João da Cruz, porém, soube harmonizar o aspecto apostólico com a essência eremítica e contemplativa das origens. Ele viveu seu ideal carmelitano com esta mesma intenção, consciente de que nem todos que faziam parte do Carmelo Reformado tinham o mesmo pensamento. Por isso, o vemos escrever tais palavras no prólogo de seu livro “Subida do Monte Carmelo”: “Meu intento não é dirigir-me a todos, mas apenas a *algumas pessoas* de nossa Santa Ordem dos **Primitivos do Monte Carmelo**, tanto frades como monjas, estes, aos quais, Deus concedeu a graça de pôr no caminho deste Monte, como já se acham desapagados das coisas do mundo, compreenderão melhor a doutrina da desnudez do espírito.” (Prólogo n.9) Quando insiste no termo: *Primitivos do Monte Carmelo* deseja sublinhar este carisma original que procuramos restaurar.

III PARTE

OS PRECEITOS E EXORTAÇÕES DA REGRA ALBERTINA

Após a introdução, a Regra nos propõe 11 preceitos. Resumidamente, comentaremos alguns deles que necessitam uma explicação:

1- A AUTORIDADE DO PRIOR E O VOTO DE OBEDIÊNCIA

Unum ex vobis habeatis Priorem qui ex unanimi omnium assensu vel maioris & sanioris partis, ad hoc officium eligatur cui obedientiam promittat

2- VIVER NOS LUGARES SOLITÁRIOS EM CELAS SEPARADAS

Loca habere in eremis ... singuli vestrum singulas habeant cellulas separatas

A Regra de Inocêncio IV permitia que, além de viverem em lugares desertos, eles pudessem viver em lugares que “lhes fossem doados”, mesmo que não fossem nos *ermos*. Pela Regra Primitiva, não é possível um Carmelo perto de um centro urbano. No livro *Ignea Sagitta*, o Beato Nicolau, o Francês, argumenta de muitos modos sobre os prejuízos de viver nas cidades e sobre os benefícios dos lugares solitários. “Nos ermos os nossos concidadãos, os anjos, feitos nossos guardas sobre os muros da nossa cidade fundada, no deserto, estão dia e noite fielmente vigiando, não param de louvar o nome do Senhor e por isso dizemos cheios de confiança junto com o profeta: *“bendito seja o senhor que usou de maravilhosa bondade abrigando-nos numa cidade protegida.”* Eis o segredo do ermo: aí temos a verdadeira cidade protegida!” O Beato Palau escreve: “Afastado das povoações, nem o ruído dos veículos, nem os gritos dos jogos e diversões, nem o som das campainhas, nem o clamor dos vendedores e compradores, nada disto pode nos atrapalhar. Por isso, preferi a solidão a todo outro lugar.” (Elogio da solidão) Esta noção já era muito clara para os cristãos do século IV que, após a era dos mártires, perceberam a decadência da vida cristã nas cidades e, em grandes quantidades, partiam para viver no deserto. S. João da Cruz nos explica como deve ser o lugar próprio para rezar: “devemos buscar certos sítios que, pela disposição do terreno, ou pela variedade de seus aspectos despertam naturalmente a devoção, pondo sob nossos olhos vales ou montanhas, árvores ou uma pacífica solidão. Entretanto, quando estão nestes lugares, as pessoas devem procurar permanecer unidas a Deus no interior e não buscar somente uma recreação sensitiva do gosto do sítio.” (III S 42,1.2)

Além do lugar, a Regra ainda especifica que as celas sejam não somente individuais (*singulas*), mas também separadas (*separatas*), ou seja, que **suas paredes não estejam ligadas à outra cela**. Assim argumenta o Beato Nicolau Gálico: “Será que

o Espírito Santo que sabe o que é melhor para cada um, em vão estabeleceu na nossa Regra que “*cada um de nós tenha a sua cela separada*”? “Não diz contígua, mas separada uma da outra para que o celeste esposo e a esposa, que é a alma contemplativa, possam na tranqüilidade da cela ter seus colóquios secretos.” O *Waldense* explica algo semelhante, dizendo que assim é ordenado por causa das *orações clandestinas*, ou seja, que pertencem a uma intimidade que ninguém pode penetrar. Assim nossas construções devem sempre garantir essa separação. Inclusive, dentro das possibilidades, é possível que uma ermida tenha também seu próprio refeitório e ambiente de trabalho. Portanto, a cela, ou *célula*, não é simplesmente um quarto de uma casa que abriga muitos, mas, um ambiente único, onde a alma está a sós com seu Amado. Assim temos a descrição do Beato João Soreth: “A cela abriga o filho da graça, fruto do seu ventre, alimenta-o, abraça-o, leva-o à plenitude da perfeição e torna-o digno do colóquio com Deus. A cela é a terra santa e lugar santo, onde o Senhor e seu servo se falam em segredo, como um homem a seu amigo. Nela a alma se une a Deus, como a esposa ao esposo. Terás uma cela exterior e outra interior. A exterior abriga o corpo, a interior, o espírito. Cada um tenha, portanto uma cela separada para poder realizar estes exercícios na solidão.” (Exposição sobre a Regra) O Abade João Colobos dizia: “*estar preso* é manter-se sentado em sua cela e se lembrar de Deus, sem cessar. Nisto se cumprirá esta palavra: ‘Estava preso e me visitaste’”. No refúgio da cela, o monge se abstrai de todo o material e criado em busca do Imaterial e Incriado. É por isso que o Senhor nos deu este preceito: “entra do teu quarto (cela) fecha a porta (dos sentidos) e ora ao teu Pai em segredo.” (Mt 6,6) Como explicava outro Abade: “Então, senta-te numa cela tranqüila, afastado, num canto, e aplica-te em fazer o que digo: fecha a porta, eleva teu espírito acima de todo objeto vão ou passageiro.” Quando o abade São Sabas notava que um iniciante já tinha aprendido bem a regra da vida monástica, e que já era capaz de guardar o espírito, de combater os pensamentos do inimigo e que tinha expulsado do coração a lembrança do mundo, permitia que ele mesmo construísse para si uma cela. Que costume interessante que mostra a ligação do monge com sua cela! Se não puder construir, que pelo menos saiba conservá-la.

3- NÃO FAZER AS COISAS SEM AUTORIZAÇÃO DO PRIOR
Nec liceat alicui fratrum cum alio permutare.

4- A DISPONIBILIDADE DO PRIOR EM ATENDER AS PESSOAS
Cellula Prioris sit iuxta introitum loci.

Mesmo sendo eremitas, os primeiros religiosos desta Ordem não eram totalmente alheios ao zelo pela salvação das almas, como, por exemplo, os monges de São Bruno. O testemunho tão antigo do *Ignea Sagitta* citado nas nossas Constituições mostra este aspecto do Carmelo Primitivo: “Permaneciam por mais tempo na

solidão do ermo, mas quando desejavam ser úteis ao seu próximo, de modo, porém a de maneira nenhuma se prejudicarem, desciam algumas vezes do Eremitério, se bem que raramente, e lançavam os grãos no moinho da pregação, que tinham docemente colhido com a foice da contemplação, quando estavam a sós com Deus.” (*Ignea sagitta*, Nicolau Gálico cap. VI) A palavra *raramente* indica o critério para os sacerdotes exercerem **fora dos Mosteiros** alguma atividade apostólica. Entretanto, especialmente o Prior deve estar sempre disposto a atender as pessoas que recorrem ao Mosteiro. Sabemos que assim acontecia no Monte Carmelo: muitos passavam por ali e aproveitavam para se confessar ou receber uma oração. Exemplo edificante deste zelo pastoral do Prior, podemos encontrar em várias passagens da vida de nosso segundo Pai, Santo Eliseu.

5- PERMANECER NA CELA

Maneant singuli in cellulis suis vel iuxta eas die ac nocte in lege Domini meditantes et in orationibus vigilantes.

Este capítulo sempre foi considerado o mais importante de toda a Regra, já que “a vida interior constitui a essência da vocação carmelitana” (Frei Telésforo Maria). “Este capítulo de permanência na cela é de suma importância porque nele aparece evidente o espírito primitivo da Ordem.” (Frei João Brenninger) “Este preceito da Regra, de fato, é o preceito central que comanda todos os outros.” (Frei Jerônimo da Mãe de Deus) O fim de todo o monge, independente da Regra que siga, segundo os Santos Padres, é a **perfeição do coração**: que significa uma contínua e ininterrupta perseverança de oração e, quando é dado à fragilidade humana, visa alcançar a inalterável tranqüilidade de alma e a pureza perpétua. A cela nos isola de tudo. S. João da Cruz afirma que, para rezar, é necessário esse isolamento: “Querendo Nosso Senhor confirmar isso mesmo e deixar-nos o exemplo, se bem que, sendo Ele a própria fonte inviolável de santidade, não carece de ajuda externa de afastamento e do benefício da solidão para adquiri-la (pois não podia a plenitude da pureza manchar-se com nenhuma sordidez das multidões, ou contaminar-se com o convívio humano Aquele que purifica e santifica tudo o que está manchado), *afastou-se para um monte para rezar sozinho* (Mt 14,23), instruindo-nos assim com o exemplo do seu isolamento para que, se quisermos nós também rezar a Deus com um coração puro e íntegro, nos afastemos com Ele da agitação e confusão das outras pessoas.” O que significa *permanecer*? – Este verbo, muito presente no evangelho de S. João indica uma continuidade, uma perseverança da vontade naquele objeto. Esta ordem: *Permaneça na cela* (*Maneat*) deve estar muito bem gravada em nosso coração, pois, a grande tentação que enfrentamos todo momento é de sair, de se dissipar, até achando que está fazendo o bem. Diziam os Santos Padres do deserto: “Esforçai-vos ao máximo no ofício, em vossa cela, perseverai na oração com compunção, atenção e lágrimas contínuas...” “Sentados em vossas celas,

lembrai-vos de Deus, elevai vosso espírito acima de todas as coisas e prostrai-vos em silêncio diante de Deus, derramai a seus pés todos os sentimentos (toda a disposição) de vosso coração, aderindo a ele pelo amor e caridade.” “Aprisionado numa cela tranqüila e escura, ele já não será dividido e diversificado, por assim dizer, pela vista e pelo olhar. Assim, querendo ou não, o espírito vai parcialmente acalmar-se e recolher-se em si mesmo.” “Senta-te em tua cela, como te foi dito, e ela te ensinarás todas as coisas. O resto tu aprenderás, com a ajuda de Deus, praticando a guarda do espírito e retendo Jesus em teu coração.” “Feche a porta da cela ao corpo, a porta dos lábios às palavras, a porta interior aos espíritos.” São Basílio, na sua Constituição para os Monges, diz que devemos voltar para a cela, como a pomba inocente que, não encontrando onde pousar, retornou para a Arca. São Bernardo comenta que a cela é a oficina de todos os bens e que não é à toa que seu nome pareça tanto com o céu (cella-cælum), pois, ela já é um começo da vida do céu. “De *dia*, quer dizer, na *alegria*, de noite, na *tribulação*” (Beato João Soreth) Em todos os momentos devemos procurar manter uma *atenção amorosa* em Deus. “É nossa obrigação amar a Deus com todas as nossas forças e com a ocupação contínua nEle. Este é o verdadeiro espírito de nossos Santos Padres”. (João de São Sansão) “Que todos os que fazem votos segundo a nossa Regra tenham bem presente que coisa haveis prometido: Eu prometi solenemente viver segundo uma Regra que me ordena a oração ininterrupta.” (Ven. Frei João de Jesus Maria) Esta obrigação da cela, diz Santa Teresa, “é a mais importante de todas e, fazendo o possível para melhor observá-la, não deixaremos de observar também o jejum, a disciplina e o silêncio que a Regra nos pede.” (Caminho IV,2) São Macário diz: “um monge que fica sentado em sua cela, precisa concentrar em si o pensamento, longe de toda preocupação do mundo. Que ele não a deixe vacilar nas vaidades deste século, mas que tenha um único objetivo colocar o pensamento só em Deus, persistindo nele em todos os momentos, sem nenhum outro cuidado; e que não deixe nada de terreno entrar tumultuosamente em seu coração... mas que esteja, tanto no espírito quanto em todos os seus sentidos, na presença de Deus...” Segundo estes antigos eremitas, o principal método para se manter a contínua lembrança de Deus é a oração do Nome de Jesus. Através desta oração vocal de repetição do nome de Jesus, conforme a respiração, o espírito permanece mergulhado continuamente em seu amor, como num *óleo perfumado*. (Ct. 1,3) Como vemos neste relato: “O irmão interrogou-o ainda, dizendo: Qual é a obra mais agradável a Deus, no asceta e no abstinente? Respondeu-lhe, dizendo: bem-aventurado aquele que for encontrado perseverante no nome bendito de Nosso Senhor Jesus Cristo, sem cessar, e de coração contrito. Porque sem dúvida não existe, em toda a vida prática, obra tão agradável quanto esse alimento bem-aventurado, se o ruminares sempre; se o ruminares como a ovelha, até que a coisa ruminada entre no interior de seu coração e nele derrame uma doçura e um óleo (unção) bom para o estômago e para todo o interior. Não vêes a beleza da sua

expressão cheia da doçura do que ela ruminou na boca? Que Nosso Senhor Jesus Cristo nos conceda graça de nos deliciar sempre em seu nome doce e macio (untuoso). Repetindo o seu Santo Nome, ou a oração do publicano (*Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim*) poderemos manter a “lembrança de Deus” que se confunde com a “oração ininterrupta” recomendada por São Paulo: “Orai, sem cessar”. (I Tes. 5,17) Os Padres ensinam, sobretudo, que a oração perfeita consiste em falar a Deus sem distração, recolhendo simultaneamente todos os pensamentos e todos os sentidos. “Consegue-se isso, morrendo para todos os homens, para o mundo e para tudo o que nele contém.” “O intelecto fica livre de tudo o que é terreno e um coração cujo olhar se fixa exclusivamente no objeto da esperança.” Para tornar estável, um espírito dissipado recomenda-se: “as vigílias, a meditação e a oração.” Nosso Pai Santo Elias alcançou este *dom da Oração contínua* e perfeita (imaterial): Vemos, simbolicamente, o exemplo disso quando ele bebia na *torrente de Carit*. Como explica o Doutor místico: “a alma que chegou neste estado, logo que entra em oração, já está com a boca à fonte, bebe à vontade e com suavidade, sem o trabalho de conduzir a água pelos aquedutos das considerações, formas e figuras. E assim, logo que se põe na presença de Deus, acha-se naquela notícia confusa, amorosa, pacífica e sossegada em que vai bebendo sabedoria, amor e sabor espiritual.” (II Sub. 14,2) São Gregório de Nissa, aponta também Santo Elias, juntamente com Moisés como exemplos desse progresso espiritual rumo à oração perfeita: “Assim como Moisés falando com Deus na nuvem, esteve Elias diante do Senhor. Em um primeiro momento, o espírito de temor passa fendendo os rochedos – os corações duros; depois, vem o abalo, ou o fogo. Finalmente, Deus produz uma brisa luminosa, leve e tranqüila, enquanto Cristo faz morada no coração e se manifesta misticamente no Espírito. Isso explica porque Deus disse a Elias no monte Horeb: o Senhor não está no primeiro, nem no segundo (fenômenos), isto é, nas obras particulares dos iniciantes, mas na brisa, ou seja, na **oração perfeita**.”

6- SALMODIAR NO CORO

Hi qui litteras noverunt & legere Psalmos per singulas horas eos dicant.

As horas e os hinos são tradições eclesiásticas que nos foram transmitidas, visam a glorificação de Deus através do culto que lhe é devido na liturgia. As horas canônicas são o complemento da Missa para a santificação de cada dia. A celebração do ano litúrgico nos insere profundamente no mistério de Cristo e de sua Igreja (os Santos). Entretanto, na tradição monástica mais antiga, a salmodia é considerada uma parte da *vida comunitária*. Os eremitas mais solitários já não se dedicavam aos hinos e salmos. Este testemunho o comprova: “Os solitários da Célia, por sua vez, não salmodiam, nem têm hinos; só fazem trabalho manual e meditação solitária.” (séc. V). “A salmodia frequente é a ocupação dos *ativos*, por causa do cansaço que ela impõe; mas não dos hesicastas, que se contentam de orar a Deus, só

em seu coração, e de permanecer ao abrigo de qualquer pensamento...” Este argumento é muito freqüente nas citações dos antigos. É por isso que a Regra apresenta a possibilidade da salmodia na cela ou da recitação do Pai nosso, já que a tradição eremítica mais antiga se baseia na repetição de pequenas orações. Entretanto, parece que se incentiva a oração do Ofício em comum, pelo menos para “aqueles que sabem as letras”. Conforme antigas tradições, sabemos que os primitivos carmelitas latinos frequentavam o coro *três vezes por dia*. Devemos prestar atenção quando se diz: “*aqueles que sabem letras*”. Ter esse conhecimento, não significava buscar um estudo aprofundado (como ocorreu quando o Carmelo se tornou mendicante) ou um *intelectualismo*, mas simplesmente uma formação clerical (para os sacerdotes) ou um estudo que colaborasse para a vida de oração.

7- COLOCAR TODAS AS COISAS EM COMUM

Nullus fratrum sibi dicat aliquid esse proprium, sed sint vobis omnia communia.

A vivência da pobreza evangélica nos liberta de todo o egoísmo e nos introduz no *Reino novo* da partilha. Neste *pequeno* preceito está contida uma grande perfeição e nos insere na *vivência* mais original de uma comunidade cristã. Como lemos nos Atos dos Apóstolos (2,44): “possuíam tudo em comum”. Nada deve nos inquietar no plano material, pois *buscamos em primeiro lugar o Reino de Deus* (Mt. 6,33).

8- A EUCARISTIA DIÁRIA

Oratorium construatur in medio cellularum: ubi mane per singulos dies ad audienda missarum solemnia convenire debeatis.

A Eucaristia é o centro da vida do Mosteiro. Em torno do oratório são construídas as celas. Este é um aspecto peculiar de nossa Regra: a Missa Diária: *Todos os dias deveis vos reunir para a Missa*. A Missa deve ser *pela manhã*, pois Jesus é o *Sol nascente* e cada dia é uma nova *ressurreição*. Daí o significado de participarmos da missa com a capa branca, que representa o anúncio de que somos Filhos da Luz, batizados em Cristo e ressuscitados com Ele. (Col. 3) Comungar todos os dias, significa participar deste *Pão nosso de cada dia* e buscar esta vida Divina que nos é transmitida pelo Sacramento. “Quem come a minha carne permanece em mim e eu nele.” (Jo 6,56) Nossa piedade Eucarística se manifesta nesta **comunhão**, procurando tornar este momento o mais sagrado e importante do nosso dia. É comendo este Pão Vivo que temos força para continuar nossa caminhada de subida desta Montanha espiritual como aconteceu com nosso Pai Santo Elias. (I Rs. 19,8) A nossa espiritualidade deve haurir nesta *Fonte Eucarística* o manancial inesgotável de vida e de Amor. A *Eucaristia* é o Fruto bendito da Virgem que comemos como recompensa de nossa vitória contra o pecado: “Ao vencedor darei de comer (do

fruto) da árvore da vida, que se acha no paraíso de Deus.” (Ap. 2,7) Este é o verdadeiro fruto da árvore da vida (cruz) plantada no meio do jardim místico do Carmelo. É por isso que no nosso escudo além da cruz em cima do monte, como no *Carmelo Descalço*, inserimos a Sagrada Hóstia no centro da cruz, pois, Jesus Eucarístico é o fruto desta árvore, o *Deus-conosco*, nosso *maná celestial* de cada dia.

9- O CAPÍTULO DA COMUNIDADE

Dominicis quoque diebus vel aliis ubi opus fuerit de custodia ordinis tractetis.

Assim como nossas coisas são colocadas em comum, todas as decisões referentes à nossa vida são partilhadas e decididas em comunidade. O Capítulo mais importante é feito no Domingo, pois, era neste dia que os Apóstolos se reuniam. O Domingo é o dia mais comunitário. Nele se renova o fluxo de graça da nossa vida pelo poder da ressurreição que é celebrada semanalmente no Domingo.

10- O JEJUM

Ieiunium singulis diebus, a festo exaltationis Sanctæ Crucis usque ad diem Dominicæ Resurrectionis.

Para os santos Padres, jejuar com medida significa fazer uma única refeição por dia. O abade Cronios diz: “Que a alma pratique a sobriedade, afaste-se da distração e renuncie às próprias vontades; então, o Espírito de Deus se aproximará dela. Aquele que sempre habita em seu coração, emigra inteiramente dos prazeres desta vida. Caminhando segundo o espírito, não pode conhecer as cobiças da carne. O corpo não se purifica sem jejum e sem vigília; a alma, sem misericórdia e sem verdade; o intelecto, sem contemplação e sem conversa com Deus.” O abade Dulaz diz: “Quando o inimigo nos incita a abandonar a solidão (*hésychia*), não lhe demos ouvidos. Não há nada mais poderoso que a aliança entre a *solidão* e a *fome*, para lutar contra ele. A solidão com o jejum nos dão uma visão penetrante para os olhos interiores.” Assim era o costume antigo (século IV) de Jerusalém: “há muitos que fazem o jejum durante toda a semana, ou seja, depois de almoçarem no domingo, não comem senão no sábado seguinte de manhã. Tal é aqui o costume do jejum durante a quaresma. Fazem jejum não só na quaresma, mas também durante o ano todo, pois, quando comem, fazem-no uma só vez por dia. Se algum não pode fazer a semana inteira de jejum, durante toda a quaresma, jantam às quintas-feiras; aquele, porém que nem isto pode fazer, faz o jejum comendo de dois em dois dias e aqueles que nem isto conseguem fazer, comem todas as tardes. Quanto à alimentação o costume aqui é este: comem apenas água e um pouco de caldo de farinha. É assim que se faz durante a quaresma, como dissemos.” (*Itinerarium ad loca sancta* - ano 383) Os frutos espirituais que se alcança com o jejum são muito grandes. É pelo

jejum que a oração adquire força e que a alma avança no caminho espiritual. (Mt. 17,20) Nossa Regra nos convoca para o Jejum, durante esse período do ano (desde setembro), como uma grande Quaresma de conversão e expiação. Devemos nos esforçar, conforme a capacidade de cada um, para praticá-lo, fazendo uma só refeição completa por dia. O jejum nos proporciona uma grande força espiritual para vencermos o demônio. (Mt. 17,20)

11- A ABSTINÊNCIA DE CARNE

Ab esu carniū semper abstinēatis.

Sem sombra de dúvida, este preceito sobre a carne é o ponto que mais levantou polêmica na história da Regra Carmelitana. Como explica o Apóstolo: “é bom não comer carne, nem beber vinho, nem outra coisa que para teu irmão possa ser uma ocasião de queda.” (Rom 14,21) Este é o primeiro motivo da abstinência: *edificação do próximo*. O segundo, em relação ao conceito de *gula*: Do ponto de vista da moral cristã, tudo que uma pessoa consome deve ser para sustentar o corpo e trazer benefício para sua saúde. Se alguma pessoa tem consciência de que algo que consome não alimenta ou até traz prejuízo para sua saúde, e mesmo assim insiste nisso, seja pelo vício ou pelo prazer de comer, comete pecado de *gula*. O religioso, porém, qualquer que seja a Regra que siga, deve, pelo seu estado de vida, buscar a perfeição e fazer tudo para agradar a Deus e não seus próprios gostos, pois, já renunciou a si mesmo. Jamais poderá fazer algo visando unicamente o prazer. Pelo seu voto de pobreza, não pode gastar com nada que seja supérfluo e desnecessário. E por estar obrigado a viver uma vida de penitência e austeridade, comete pecado se não se mortifica na alimentação, ou se consome algo que não alimenta ou que traz prejuízo para a saúde. Muitas regras monásticas antigas limitavam total ou parcialmente o uso da carne, como a Regra de São Bento que proíbe comer carne de “quadrúpedes”. Já a Regra dos *Cartuxos*, ou dos *Mínimos*, como a nossa, prescreve a abstinência total da carne em qualquer situação. Quando se diz carne, entendemos a carne de qualquer animal, exceto a carne de peixe, que não é considerada *carne* neste sentido. A Igreja tem o preceito da abstinência de *carne*, imposto a todos os cristãos nas sextas-feiras e, especialmente, na Quarta-feira de cinzas e na Sexta-feira santa. Até o fim do primeiro milênio, este preceito se estendia por todo o período da Quaresma e “os cristãos devotos deveriam deixar a carne já na Quinquagésima e os monges na Septuagésima.” Segundo as opiniões mais autorizadas, a Regra Primitiva de Santo Alberto simplesmente prescrevia abster-se de carne sempre. Depois (Inocência IV) é que vieram as mitigações que permitiam comer carne:

- 1º 2º Em caso de enfermidade;
- 3º Em caso de debilidade física;
- 4º Em viagens: alimentos preparados com carne;

5º Em viagens pelo mar;

6º Alguns dias da semana;

7º Quando o prior (ou priora) autorizar;

Estas duas últimas já faziam parte das mitigações de Eugênio IV (1432). Assim foram “facilitando” a Regra até se ignorar totalmente este preceito, como vemos hoje em dia... Mais do que defender a observância primitiva, queremos argumentar os sobre os benefícios físicos e espirituais deste ponto da Regra, bem como mostrar seu profundo significado Teológico e Profético. Não há nenhum médico de boa formação nos dias de hoje que afirme que a carne serve de remédio, como se pensava antigamente. Pelo contrário, há muitos que afirmam que muitas doenças, inclusive o câncer, são provocadas pelo intenso consumo de carne. Quanto ao benefício espiritual, além da penitência, sabemos que até entre monges de outras religiões, evita-se o consumo de carne para não trazer prejuízo para a vida de oração, já que sua digestão é muito difícil, tornando pesado o exercício da mente. De fato, para muitas culturas orientais, mais sensíveis do que a nossa, só o fato dos cristãos comerem carne, já é um escândalo. Este único motivo já seria suficiente para deixarmos de comer a carne, como argumenta São Paulo: “nunca mais comerei carne afim de não ser ocasião de queda para meu irmão”. (I Cor. 8,13) Entretanto, no aspecto teológico, este preceito adquire um valor ainda mais importante e profético. Notemos o sentido destas palavras no primeiro capítulo do Gênesis: “Disse-lhes Deus: Eis que vos tenho dado todas as ervas que produzem semente, as quais se acham sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dê semente; para vos servir de alimento. A vós e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todo ser vivente que se arrasta sobre a terra, tenho dado todas as ervas verdes como alimento. E assim foi.” (Gên.1,29-30) Este é o preceito bíblico original sobre a alimentação. Tudo que veio depois disto, representa essa “mitigação” em virtude do pecado. Ora, o (a) Carmelita deve ser a expressão mais autêntica desse Homem Novo, criado à imagem de Deus (Ef. 4,24) que está orientado para este Mundo Novo, este Reino, descrito no livro de Isaías onde “o bezerro, o leão e o novilho pastarão juntos e o menino pequeno os guiará.” (Is. 11,7) Devemos entender que somos introduzidos no mistério de Cristo que “é o Princípio, o primogênito dentre os mortos” – que morreu para destruir a morte - e restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus. (Col 1, 18-20) Tendo consciência disto, podemos *retornar ao Paraíso* e viver nesta harmonia original, sem os efeitos do pecado: ódio, injustiça, violência e morte. O anúncio mais forte e profético desta Nova Terra (Is. 66,22) não se dá por palavras, mas pela recusa de toda opção pela **morte**, em qualquer aspecto. “Ela desaparecerá para sempre” (Isaías 25,8). Eis a razão pela qual glorificamos a Deus e profetizamos o seu Reino, *abstendo-nos de comer carne*. O livro de Daniel traz um exemplo muito interessante para nos mostrar que se abster de carne é um sinal de sabedoria, pois, os jovens que decidiram fazer esta abstinência, acabaram tendo melhor aparência e

saúde que os outros e, conta-se que o despenseiro lhes retirava o vinho e as carnes e lhes mandava servir legumes (Dn 1,15) S. João da Cruz indica outro exemplo na Sagrada Escritura: “que os israelitas, pouco satisfeitos com aquele manjar tão leve que Deus lhes dava (maná), apeterceram e pediram carne. E Nosso Senhor ficou gravemente irado, por ver que queriam misturar comida tão baixa e grosseira com manjar tão alto e simples que encerrava em si o sabor e substância de todos os alimentos. Daí Davi também dizer que aquelas carnes estavam ainda em sua boca quando a cólera de Deus rebentou sobre eles e o fogo do céu consumiu muitos milhares. (Sl. 77,31)” (I.S 5,3) Nesta mesma direção, a tradição monástica ensina que “evitar alguns tipos de alimentos seria condenável: toda alimentação é um dom de Deus. Contudo, é prudente abster-se dos alimentos que causam moleza ou que só servem para deleitar o gosto (satisfação do apetite).” Daí também o costume de se evitar de certas coisas como açúcar (sacarose) ou a cafeína. A abstinência de bebida alcoólica, como seguimento da linhagem dos profetas (Lc 1,15) também faz parte desta busca de sobriedade e liberdade tanto no corpo como no espírito para *amar a Deus acima de todas as coisas*. (Livro da Instituição – Capítulo VII) Neste sentido, é muito caro, para os Santos Padres, o conceito de sobriedade: “pela guarda do espírito e pela sobriedade, começemos por privar-nos do excesso de alimento, por suprimir o quanto pudermos, no beber e no comer. A sobriedade merece o nome de caminho, pois conduz ao reino: o reino interior e o do mundo futuro; também o nome de ofício do espírito, pois trabalha e aperfeiçoa os traços de nosso espírito e o faz passar da condição apaixonada à impassibilidade (*apatheia*). Devemos, enfim considerar que nossa regra é profética ao nos propor a abstinência da carne, levando-nos a uma consciência de vida mais evoluída e mais conforme a vontade de Deus. Para se tornar uma pessoa espiritual, ensina S. João da Cruz, é necessário que ela renuncie e afaste de si todas as coisas, mortificando nelas o seu apetite. Assim, deve renunciar aos apetites do ouvir, da vista, do olfato, do paladar e do tato. Esta é a primeira noite de purificação, chamada noite dos sentidos. (IS 3,2) “É indispensável à alma atravessar a noite escura dos apetites e da renúncia a todos os prazeres do mundo para atingir este sublime estado de união com Deus.” (IS 4,1) Mais do que os benefícios para a saúde, ou os benefícios espirituais de mortificação dos apetites, devemos entender que nosso estado de vida nos obriga a viver não só segundo os mandamentos, mas sendo estes seres humanos segundo o projeto original de Deus, antes do pecado.

EXORTAÇÕES:

1- O COMBATE ESPIRITUAL

Studeatis indui armatura Dei - cingulo castitatis - lorica iustitiæ - scutum fidei - gálea salutis - gladius spiritus

Uma vez revestido o combatente de todas as virtudes e, sobretudo da pobreza perfeita, a graça ilumina então, de todos os lados, a sua natureza, num sentimento mais profundo ainda, e aquece-a com um grande amor de Deus. As setas dos demônios param antes de atingir os sentidos do corpo. A brisa do Espírito Santo impele o coração para o lado dos ventos pacíficos e intercepta as setas do demônio, enquanto ainda estão no ar. O carisma carmelitano, segundo o Livro da Instituição tende não somente à perfeição eremítica, mas também *profética*. Ser profeta, não significa ser missionário ou pregador ambulante, mas ser alguém que testemunha com a vida a santidade de Deus. *Vive o Senhor em cuja presença estou!* Este é o nosso grito profético! João Batista não foi o maior de todos os profetas vivendo nas cidades, mas buscando a solidão. Fazendo penitência e escutando a Palavra no Silêncio, para poder ser a voz que clama no deserto. Desenrola-se no ar um combate mais árduo que a guerra visível. Diz a Santa Madre: “os soldados de Cristo, isto é, os que fazem oração e chegam à contemplação, estão ansiosos pelo combate. Jamais temem os inimigos declarados. Sabem que estes não resistem à força dada pelo Senhor. Estão certos de saírem sempre vitoriosos e com grandes vantagens. Só temem certos inimigos traiçoeiros, demônios transfigurados em anjos de luz, e que aparecem disfarçados. É justo temê-los e pedir sempre ao Senhor que deles nos livre.” (Caminho 38,2) Este é outro aspecto fundamental que devemos identificar no carisma de Elias: o *combate espiritual*. Seu zelo o levou a grandes lutas contra a idolatria e o império do demônio *Baal*. Nos últimos tempos, ele deve vir para lutar contra o Anticristo. O *Anticristo* é aquele que afirma que o homem é deus. (Gen. 3,5) Assim se expressava um destes *filósofos da serpente*: “Eu vos ensino o super-homem. O homem que pode tudo, que é o sentido da terra. Eu vos conjuro, irmãos, ficai fiéis à terra e não credes naqueles que vos falam de esperanças extra-terrenas. São envenenadores, quer saibam, quer não. São desprezadores da vida, moribundos e envenenadores de si próprios, dos quais a terra está cansada. Assim, eles devem desaparecer. Outrora, pecado era desprezar Deus, mas Deus morreu e estes tais morreram também. Agora, terrível é pecar contra a terra e atribuir mais valor ao inescrutável que ao sentido da terra.” (Nietzsche, Also Sprach Zarathustra) Esta é a pregação do Anticristo! Mas Deus não morreu! Nem tampouco seus profetas! Nossa luta é contra estes *espíritos infernais* (Ef. 6) e contra os inimigos da Igreja que desejam implantar este império do *homem sem Deus*. *Zelo zelatus sum!*

2- O TRABALHO

Faciendum est vobis aliquid operis, ut semper vos diabolus inveniat occupatos

No evangelho (Lc 10), encontramos um exemplo interessante da vida cenobítica (representada por Marta) e da vida eremítica (representada por Maria). Geralmente, se interpreta a figura de Marta por representante da vida apostólica, mas ela não tinha o ministério da pregação. Seu ofício era cuidar da casa e servir como autêntica *cenobita ativa*. Maria, porém é o protótipo da *contemplativa solitária* que *já não tem outro ofício*, na expressão de São João da Cruz... Só amar e permanecer na presença do Senhor. Isso é preguiça? De forma alguma, é sim, *a melhor parte que não lhe será tirada...* Porém, isso não significa que o contemplativo não deve trabalhar, mas sim que ponha a **primazia** na oração. O trabalho serve para nos livrar da ociosidade e equilibrar nossa rotina, como orienta a nossa Regra. Ajuda a manter a saúde do corpo e se torna uma ocasião de sacrifício ofertado a Deus. Segundo o ensinamento dos Padres do Deserto: “Há cinco obras que honram a Deus, pelas quais devem passar, dia e noite, o que é noviço em *hesíquia*: a **oração**, isto é, a lembrança do Senhor Jesus Cristo introduzida ininterruptamente no coração, sem nenhum outro pensamento ou imaginação. Isso se obtém por uma temperança geral na alimentação, no sono, nas sensações, exercitadas na cela, com humildade muito sincera. Depois, a **salmodia**, a leitura do saltério, do Apóstolo, dos Evangelhos, das obras dos Santos Padres, principalmente as que se referem à oração e à sobriedade; a **lembrança dolorosa dos pecados** no coração, a **meditação** do Juízo, da morte, do castigo e da recompensa, etc. e o **trabalho manual**, para refrear a acédia.” Um irmão perguntou ao abade Agatão: “Abade, dize-me o que é melhor: o penoso trabalho do corpo ou a guarda de seu interior?” Agatão respondeu: “O homem é semelhante a uma árvore: O trabalho do corpo, são as folhas; a guarda de seu espírito, são os frutos. Está escrito: ‘toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo’. Dai se conclui claramente que todo o nosso esforço deve ter por objetivo os frutos, ou seja, a guarda do espírito. Assim, o trabalho manual é, segundo a tradição monástica, elemento essencial para se aperfeiçoar o espírito. Ainda mais que, através dele, imitamos a vida de Jesus, Maria e José em Nazaré, que é a mais perfeita vida. Portanto, conforme a Regra nos diz claramente: devemos fazer trabalhos manuais e não só trabalhos intelectuais e ter devoção a eles para progredirmos na vida de humildade e de santificação.

3- O SILÊNCIO

Silentium in quo cultus iustitiæ est diligenter et caute studeat observare

É preciso tomar todo o cuidado para que o religioso não se acostume nos pequenos erros. No capítulo XI do primeiro livro da Subida do Monte Carmelo, S. João da Cruz fala da necessidade de reprimir os apetites, por mínimos que sejam, para

chegar a alma à união divina: “*costume de falar muito*, apegozinho a alguma coisa, seja pessoa, vestido, livro ou cela, tal espécie de alimento, ou algum gosto ou curiosidade de ouvir ou saber notícias. Quaisquer destas imperfeições a que a alma tenha hábito, se opõe mais ao adiantamento da virtude do que grande número de faltas não procedentes de mau costume.” O silêncio é virtude fundamental para a vida contemplativa e nossa Regra nos exorta muito vivamente a exercitá-lo. Também nas nossas Constituições e no nosso Ordinário, insistem no silêncio. “Basta ter as portas de fora fechadas (os sentidos) para que o coração não possa ir à outro lado fora do seu centro que é Deus” (S. Teresa Margarida)

4- A DISCRIÇÃO

Utatur tamen in omnibus discretione quæ Virtutum est moderatrix.

O Beato João Soreth, reformador da Ordem no século XV, deixou-nos o testemunho deste seu desabafo: “Haverá um só homem na Ordem que não queira fazer sua própria vontade? Que esteja disposto a obedecer? Onde se encontrará uma verdadeira renúncia aos bens pessoais? Onde ainda haverá pureza e honra? Isso para não falar nas outras prescrições da Regra. A observância da Regra se tornou coisa rara...” Procuremos, portanto, observar a Regra com discríção. Nesse sentido o Pe. Jerônimo Gracian ensinava que: “o perfeito religioso é aquele que jejua, quando tem que jejuar, almoça com gosto, quando lhe mandam comer, com gosto descansa e se recreia quando é vontade de Deus, assim como trabalha e usa cilício e disciplina, quando agrada a Deus o rigor.” (BMC 15) *Discríção* significa evitar fazer as coisas para sermos louvados pelos outros. (Mt 6,2)

IV PARTE

A REGRA DA VIRGEM MARIA

“*Foi-lhe dada a Beleza do Carmelo e de Saron*” (Is 35,2)

Carmelus totus marianus est - O Carmelo é todo de Maria. Com esta famosa frase podemos resumir a importância que a Mãe de Deus representa para sua Ordem. Mais que devotos, os carmelitas, desde o princípio, viveram uma especial união com Nossa Senhora. A Regra não cita o nome de Maria. Entretanto, Santo Alberto sabia que aqueles Eremitas se denominavam *irmãos da Virgem Maria*. Por que não se referiu a Ela em sua Regra? João Baconthorp comentou a Regra no início do século XIV e respondeu a esta pergunta: “Maria não é citada porque ela está por trás de cada preceito, **a Regra é a própria vida de Maria** e cumprir perfeitamente a Regra é **imitar Maria!**”

Herança dos Profetas

“*Eis que, sobe do mar uma pequena nuvem*” (I Reis 18,44)

“Elias santíssimo, tu viste na pequena nuvem a imagem da futura Mãe de Deus. Procuraste ser imitador da mesma Virgem, e iniciaste teu discípulo Eliseu a seguir esta devoção. Ó seja eu digno filho teu, seja tão feliz herdeiro, concedendo-me o duplo espírito de amor à Mãe de Deus, seja na vida ou na morte, depois de Deus, meu amor seja para Maria, minha Senhora.” (Antiga oração carmelitana) Considerada não somente Patrona, mas também *fundadora* da Ordem, pois, a tradição dos nossos pais diz que Elias, ao ver a nuvem, compreendeu todo o mistério de Maria, inclusive de sua Imaculada Conceição. Teve, portanto a inspiração de viver a castidade perfeita e iniciar seus discípulos neste mesmo propósito, em honra daquela que seria a Mãe de Deus sempre Virgem. Daí dizermos que a Ordem surgiu para honrar Maria. A capa branca inclusive é um anúncio simbólico de que Maria é Imaculada e que procuramos imitar sua pureza. Diz também a tradição que os carmelitas fizeram uma capela no Monte Carmelo, no mesmo lugar onde Elias viu a nuvem. Ali decidiram viver sob o seu patrocínio. Outra tradição diz que “a Virgem enquanto vivia na terra, visitava os eremitas no Monte Carmelo e os instruía nos mistérios da fé. Por isso, era também chamada Mestra da religião, Escola das virtudes e legisladora.” (Paleonydorus) Assim dizia a *rubrica prima* das primeiras Constituições: “Seguidores de Elias e Eliseu construíram um oratório no Monte Carmelo em honra da Virgem Maria e de forma especialíssima desejaram servi-la.” E também: “Os Carmelitas reconhecem a Beata Virgem Maria por especial prerrogativa como sua Mãe, Irmã e Patrona e lhe prestam devotíssimo culto” João Baconthorp confirma que “a instituição da Ordem é para veneração da Virgem Mãe.” E assim ensinava o Diretório espiritual da reforma Turunense: “A Ordem dos Carmelitas foi fundada para honrar a Beatíssima Virgem. De fato, Elias, depois da visão daquela pequena nuvenzinha, conheceu a Mãe do Redentor e Virgem Puríssima. Instituiu a nossa religião congregando os Filhos dos Profetas para prestar louvores à Virgem tão gloriosa, conforme a vontade de Deus. Assim, todos os irmãos são obrigados pelos votos a honrá-la com todos os seus atos. O altar principal de nossas Igrejas será sempre em sua honra. Suas festas sejam celebradas com máxima devoção e os noviços sejam instruídos por santos exercícios a estar sempre lhe servindo.” Reconheciam igualmente a Virgem por títulos de Prioreza ou Abadessa. Em alguns lugares foi solenemente entronizada, como fez Santa Teresa em 1571 e em Florença era eleita Prioreza em todas as eleições. O Beato João Soreth, tudo concluía com esta frase: “Seja para o louvor e a Glória de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Sacrossanta Mãe e sempre Virgem que preside seus irmãos do Alto do Monte Carmelo.” “A religião carmelitana, puramente contemplativa, não tem nenhum objetivo, a não ser amar e tributar culto à Mãe de Deus, promover sua devoção, fazer viva em seus filhos e devotos a pureza dos

costumes de que nos oferece a Virgem tão alto modelo. Está é a única missão do instituto carmelitano.” (Gonzalez) Como a sagrada Religião carmelitana tem o espírito orante de meditar a lei do Senhor, em imitação à sacratíssima Virgem, foi por isso chamada Ordem da Bem-aventurada Maria do Monte Carmelo.

II

Imitação de Maria

“A Ordem foi constituída para imitação das virtudes da Virgem, pois Deus quis a glorificação e a imitação de sua Mãe. Os irmãos devem ter na mente sua excelentíssima vida: sua obediência e humildade perfeita quando estava na casa de seus pais, quando viveu no templo, quando tratou com o anjo ou com São José. Castidade e pureza que, por voto, se obrigou desde a infância, pobreza que tanto amou. Solidão, pois, sempre se afastava de movimento e das conversas. Silêncio, que praticou de forma tão perfeita, como vemos no evangelho. Vida comum, como viveu no templo ou na casa de Nazaré. Estava sempre rezando e trabalhando. Ela é o cumprimento perfeito da nossa Regra; simples na intenção, fervorosa na oração, pura nos pensamentos.” (Directorium) “Ao vestirmos o escapulário, nos revestimos de Maria, como no Batismo nos revestimos de Cristo” (Leo de S. João).

III

Mediação de Maria

“A tradição dos nossos pais e também o exemplo dos santos nos ensina a oferecer tudo a sua Divina Majestade pelas puríssimas e sacratíssimas mãos da Mãe.” (Spiritus actionum) Santa Maria Madalena de Pazzi sempre rezava pedindo a intercessão de Maria: “Ofereço ao Pai eterno o sangue do Verbo humanado. Ofereço por ti ó Maria, para que o apresente à eterna Trindade suprimindo todos os meus defeitos”. Tal atitude era o ensinamento da primeira Madre do Carmelo (Beata Francisca de Ambosiae).

IV

Consagração a Maria

Sabemos que muito antes de S. Luís G. de Monfort escrever seu Tratado, já era comum se falar no Carmelo de total escravidão e consagração a Nossa Senhora. Cem anos antes, por exemplo, Arnaldo de São Carlos fez esta consagração: “A ti ó Senhora, ofereço minha alma, no juízo de Deus, pela tua intercessão, não seja eu confundido. Entreguei-me todo a ti, portanto sou todo teu” (totus tuum). “Elias viu com espírito profético, reconheceu a Virgem das Virgens e a amou de todo seu coração. Ele, com toda a sua Ordem, se consagrou e se fez todo de Maria, com todos os seus.” (Const. 1324) “Convém que a Mãe esteja com os filhos, a Mestra com os discípulos, a Abadessa com seus súditos, a Senhora com seus escravos!” (Speculum I) No Carmelo temos uma profissão religiosa que emite votos *a Deus e à Virgem*

Maria. “Façamos uma oferta à Santíssima Mãe de uma interna expropriação te todo nosso ser, de nós mesmos, de nosso coração, juízo, vontade, intelecto, liberdade e de tudo que é nosso, interno e externo.” (Madre Maria Mínima) Há uma doutrina de que tudo no Carmelo pertence a Maria por direito de herança: “A Virgem Maria pertencia à mesma família de Elias e, portanto, é sua herdeira legítima, daí que é seu tudo que pertence ao Carmelo, seja o que é material, seja o que é espiritual.” (Paleonydorus)

V

Vida mística em Maria

Assim nos ensina o Ven. Frei Miguel de Santo Agostinho: “Podemos também viver em Maria, nossa mãe amantíssima, procurando em tudo o que fazemos ou sofremos, no que realizamos ou omitimos, nas nossas penas, dores, aflições e dificuldades, conservar e até fomentar em nós uma filial, terna e inocente elevação do nosso espírito, uma amorosa aspiração ou respiração para Maria como uma Mãe amantíssima e diletíssima em Deus. Deste modo, entre nós e Ela e, através d’Ela, entre nós e Deus, se estabelece um suave fluxo e refluxo de amor.” “A alma que ama a Deus também pode viver em Maria. Pode-se perguntar se cabe viver por amor a Maria, assim como é necessário viver por amor a Deus. E eu respondo: sim. A alma que ama Deus vive por e para Deus, ou seja, todas as suas atividades, esforços e afeições direcionam-se para a glorificação de Deus de acordo com a sua vontade e para o amor. Do mesmo modo a alma tenta viver com relação a Maria, isto é, todas as suas ações e paixões se orientam para Maria e para Seu serviço, glorificação e amor.” “Esta vida divino-mariana, então, é mais perfeita do que a simples vida divina, desde que o Espírito de Amor, além da união com Deus e sem impedimento algum para esta, une a alma também com Maria e faz com que a alma se entretenha simultaneamente com Deus e Maria.” “Desfalecendo-se em si mesmas, estas almas ficam amorosamente, com uma unção especial, absorvidas n’Ela e simultaneamente em Deus.” Os frutos desta doutrina tão excelente, vemos na vida de sua dirigida, a irmã *reclusa* Maria de Santa Teresa: “Sinto que entre mim e a Mãe amável há uma relação muito próxima, como se Ela tivesse me adotado como filha e quisesse me instruir no caminho da perfeição e na pureza do espírito, para que possa agradar mais a Jesus meu amado. Ela me conduz para o amor a Jesus e para a sua amorosa conversação...” “Às vezes, meu espírito se absorve num quieto e frutivo amor nos braços de Jesus ou no seio de Maria, muito solitária, abstraída e íntima no espírito, em plena alienação dos sentidos...” “Estes três estão simultaneamente unidos no meu espírito e amor: Jesus como amadíssimo esposo, Maria como amadíssima Mãe e São José como meu caríssimo pai e diretor espiritual.” “A vida em Maria, por Maria e com Maria, tem sua dignidade, excelência, sublimidade e perfeição pela união de Maria com Deus donde se comunica todas as graças que sem medida são infundidas e irradiadas como um abismo de todos os bens.” “às vezes, me foi concedido

penetrar em Maria, repousar nela, fruir sua doçura, me liquefazer nela e me absorver nessa união com Maria.” “vejo que o resultado final dessa espiritualidade é a própria transformação em Maria.” “Desse modo percebi que me dizia: amiga, sobe para maiores alturas, acima das experiências sensíveis e sobre todas as imaginações, pois Deus é superior a todas as imaginações.” “na Festa da Visitação da excelsa Virgem, senti meu íntimo cintilar a acendeu-se um fogo de amor por ela e por Deus, que o meu coração fervia desse terníssimo amor.” “Na Festa de sua gloriosa Assunção, seu santíssimo nome estava tão doce em minha boca que não cansava de repetir: Maria, Maria, minha mãe amável, graciosa, etc. Com muitas ebulições de amor por todo o dia.”

VI

A união com Maria

“A união e o amor à Maria, não é senão atitude de imitação do próprio Jesus Cristo” (João de Hildesheim) A união com Maria é tão forte no Carmelo que os Carmelitas quiseram se chamar *irmãos da Virgem Maria*. Conta-se o famoso milagre ocorrido em Cestria, na Inglaterra, meados do século XIII. Muitas pessoas não aceitavam este título. Julgavam que eles eram indignos deste nome. Muitas destas pessoas tiveram morte súbita. Então pediram que os Carmelitas fizessem uma procissão com a imagem da Virgem para que o castigo não ocorresse mais. No fim da procissão, a saudaram dizendo: Ave Maria! E a imagem inclinou a cabeça, estendeu o dedo e disse três vezes: “eis os meus irmãos!” E a terceira vez acrescentou: “quem vê um destes, vê um de meus irmãos!” Como Mãe, deu a São Simão o Escapulário: “Amadíssimo Filho recebe o Escapulário da tua Ordem.” “Este é um sinal distintivo que a Virgem Santíssima pôs naquele que o leva. É um memorial dela para que lhe dirijamos frequentes aspirações do coração. Através dele a Mãe reconhece os seus. Quem o usa se torna seu filho, irmão de Jesus, portanto deve fazer a vontade do Pai, conforme Ele disse: Quem são meus irmãos?” (Daniel da Virgem Maria) Em nosso escudo, reconhecemos a Virgem Maria como a **estrela branca** dentro do monte. Ela é a *Estrela da Manhã* que ilumina a nossa caminhada para Deus. As outras duas estrelas, Elias e Eliseu, nos direcionam para buscarmos as *coisas do alto*. Todas elas têm oito pontas, significando a vida eterna que receberam de Deus. O Escapulário que trazemos no hábito representa o amor desta Mãe que nos deu veste como uma garantia de sermos reconhecidos como parte dela, mesmo após a morte. Revestidos, portanto, do *escapulário* tenhamos plena confiança de alcançarmos o destino final e a meta de nossa vocação: a Pátria Celestial. O Prior do Carmelo, que recebeu de S. Alberto a Regra, S. Brocardo em suas últimas palavras disse: “após minha morte, continuem praticando o bem, condenai as riquezas, desprezai o mundo, vida reta procureis levar, conformando a vossa vida com a de Elias e de Maria.”

CONCLUSÃO

Manete in dilectione mea. Permanecei no meu amor. (Jo 15,9)

Jesus é o centro de tudo. Ele é o Sol Eterno. Elias no Monte da *Transfiguração* nos aponta para Ele. Ele é a Fonte da Vida. Maria, nas Bodas em Caná nos diz: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Na liturgia Carmelitana, na Festa da Epifania encontramos esta belíssima antífona: “Fontes aquarum sanctificati sunt, Christo apparente in glória orbis terrarum: haurite aquas de fontibus Salvatoris: sanctificavit enim nunc omnem creaturam Christus Deus noster.” (As fontes das águas são santificadas: Cristo aparece em glória no orbe terrestre: vinde tomar as águas da Fonte do Salvador: O Cristo nosso Deus santificou agora toda criatura). Pelo Batismo, nos tornamos novas criaturas. A nossa vocação não é outra coisa que viver a intensamente nosso Batismo até as últimas conseqüências. Devemos compreender isso claramente: “Vã é a religião daquele que, sendo religioso por obrigação de consciência, imita no exterior os seculares.” (D 39 S. João da Cruz) A Regra é a nossa orientação para alcançarmos este objetivo: **A plenitude da vida cristã pela qual a alma vive habitualmente mais em Deus que em si mesma.** São João da Cruz ainda nos ensina que “para que a alma acerte no caminho para Deus e se una a Ele, há de ter a boca da vontade aberta apenas para o mesmo Deus, conservando esta sede somente de Deus, pois na terra não pode saborear a Deus tal como Ele é. Isso ensinou Isaías ao dizer: ‘todos vós que tendes sede, vinde às águas.’” Por essas palavras convida os que estão pobres de todos os bens terrenos e que têm sede exclusivamente de Deus, para que bebam à saciedade das águas divinas da união com Deus.”(Carta 14 de Abril de 1589) “Como é preciosa a vossa bondade, ó Deus! À sombra de vossas asas se refugiam os filhos dos homens. “Eles se inebriam da abundância de vossa casa, e lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias, porque em vós está a fonte da vida, e é na vossa luz que vemos a luz.” (Sl.35, 8-10) “Por águas se entende aqui os bens e deleites espirituais que, neste estado goza a alma em seu interior com Deus...” (Cântico Canção 40) O coração daquele que recebe esta *Água do alto* e a retém pela contemplação, torna-se um manancial de *água viva*. A Regra é, portanto, uma orientação prática para vivermos esta ascese que tem por fim esta *divinização*, ou transformação do nosso ser humilhado, no ser espiritual que vive segundo Deus. (cf. Rom.) No Carmelo, encontramos esta Fonte... Procuremos, pela observância fiel e amorosa de nossa Regra, permanecendo *Junto à Fonte*, encontrar a *Vida em abundância!* (Jo 10, 10)

Atibaia, 20 de Julho de 2011

Solenidade de Nosso Pai Santo Elias.